



"O CONGRESSO E A
RENOVAÇÃO DA UNIVERSIDADE"

Fundação Cuidar o Futuro

Discurso de Maria de Lourdes Pintaseilgo,
Presidente Geral da J.U.C.F.



Eis-nos chegados ao fim dos trabalhos oficiais do nosso Congresso. Após estes dias intensos em que lado a lado partilhámos as alegrias da oração, do estudo e do trabalho em comum, eis que se apressa a hora da despedida. A hora em que já não há lugar para acrescentar alguma coisa ao que ficou para trás; a hora feliz de acção de graças. Em verdade só a presença viva, inteira de Deus em nós podia assegurar a todas as reuniões e a todos os actos do Congresso o nível e a seriedade em que decorreram. Se durante os 2 anos que passaram, na preparação por vezes esgotante do Congresso outra coisa não procurámos se não a glória de Deus, Deus recompensou-nos cem por um, difundindo manifestamente o Espírito Santo nos nossos trabalhos. E, por isso, é a Deus que oferecemos a alegria desta hora que plenamente vivemos; porque tal alegria não provém do simples facto de nos encontrarmos todos juntos, nós, os estudantes católicos da Universidade, numa reunião geral sem precedentes, mas antes radica mais fundo na certeza de que demos o máximo do nosso esforço honesto, sério, entusiástico na realização desta grande empresa que, pelo rigor da preparação pela objectividade das discussões e pela correcção da doutrina não pode deixar de se descrever senão como verdadeiramente universitária.

A Deus oferecemos a alegria desta hora porque d'Ele tudo recebemos. Esta força, de que talvez nem sequer tivéssemos inteira consciência, é de Deus, da união no Corpo Místico que nos vem; este desassombro no abordar os problemas da Universidade, de uma juventude de espírito que não transige com o erro nem com a traição aos mais sagrados deveres; a seriedade e objectividade no tratamento das questões, de um amor indefectível à Verdade; a coragem de ir ao fundo das coisas, do nosso desejo de estarmos presentes, ao serviço de Deus e da Igreja, onde nos chama a nossa vocação de universitários. Porque tudo são dons gratuitos de Deus, graças Lhe sejam dadas.

Sabemos, no entanto, que não teríamos podido realizar o nosso Congresso, tal como decorreu, sem a muito carinhosa assistência do Venerando Episcopado Português; o seu auxílio, a sua benevolência, o seu conselho, o seu interesse pelos nossos trabalhos foram mais



do que um estímulo, um factor insubstituível e essencial de triunfo. Com os sentimentos filiais mais profundos e reconhecidos proclamamos aqui a nossa dívida de gratidão.

Grande foi ainda a nossa alegria por vermos muitos dos nossos Mestres seguirem, ajudarem, participarem dos nossos trabalhos. Com eles compartilhamos agora o sentido de "ter merecido a pena"; e o maior convívio entre alunos e professores, a verdadeira colaboração entre uns e outros, tantas vezes pedidos neste Congresso, aqui o realizámos nesta obra comum que levámos a cabo.

Não ignoramos também a dívida que contraímos para com aqueles que ajudando a difundir a notícia das nossas actividades deram maior ressonância à nossa voz e a fizeram chegar mais longe: à Imprensa e à Rádio o nosso sincero agradecimento pela cooperação amiga.

Talvez pareça pouco oportuno referir-me neste momento aos estudantes. Mas creio que pertencendo embora quase todos à J.U.C. eles não deixam de, como universitários, serem afectados pelas deficiências da Universidade, pela sua ausência de espírito formativo, pelo seu tecnicismo desumano, pelo seu tipo de vida institucional acentuadamente individualista.

Por isso, embora a sua presença e participação no Congresso seja a expressão de um dever contraído em face de Deus na correspondência ao desejo da hierarquia, ela constitui sem dúvida atitude desassombrada, leal e generosa; revelou desejo sério de valorização e de enriquecimento que lhes cabe procurar e à Universidade estimular e satisfazer. Tal esforço é tanto mais de louvar quanto mais teve de lutar contra a mediocridade de alguns, o cepticismo de muitos, a apatia ou indiferença de quase todos.

A Comissão Executiva não pode deixar de unir em forte "cor unum" todos os universitários católicos que desde a primeira hora compreenderam a grandeza da obra a que metemos ombros e generosamente a ela se deram com todo o fogo, todo o entusiasmo da sua juventude e do seu catolicismo vivo. A esses não é necessário dizer o que o Congresso representa na vida universitária portuguesa. Na valorização das suas aptidões, na aquisição de uma verdadeira cultura, na espiritualidade ascética de que animaram toda a sua vida de universitários, na autêntica renovação da sua mentalidade, atingiram a plenitude como universitários católicos e, assim, representam já, por si sós, fortes elementos renovadores da Universidade Portuguesa. Que a Univer-

cidade os não ignore nem lhes corte as asas.

Alegramo-nos pelo êxito do Congresso. Mas sabemos bem quais os pilares em que assenta o êxito - a oração e o estudo. - Se a graça supõe a natureza, o pleno desabrochar da natureza só pode fazer-se segundo a graça. O Congresso teve a alicerçá-lo a preparação de *dois* anos, preparação intensa, séria, consciente. Durante ela estudá-mos aturadamente os princípios teóricos porque se deve reger a instituição universitária e analisámos todos os aspectos concretos da Universidade na sua realidade. Durante ela rezámos intensamente. Por isso, a preparação que fizemos realizada em ordem ao Congresso ultrapassa o próprio Congresso. Projecta-se em toda a nossa vida de estudantes e através dela na Universidade. Projecta-se no futuro, na própria vida social onde todos estaremos um dia representados. Estudantes hoje, constituiremos amanhã o grupo responsável da Nação na vida oficial ou privada. As jornadas magníficas que vivemos durante este Congresso e o autêntico clima de Congresso que as antecedeu não deixarão de informar a nossa vida. Lembrá-las-emos não no sabor romântico da juventude passada mas ^{em} como num constante exame de consciência a exigir profundidade, seriedade, dedicação total no serviço de Deus e da sociedade.

O Congresso é assim o ponto de partida para uma construção do futuro. Não podemos quedar-nos na contemplação cómoda do que se fez comemorando mais uma data festiva no calendário e, ao mesmo tempo, voltarmos à apatia de que fomos arrancados por uns dias.

O Congresso não marca o fecho de uma série de trabalhos; antes vem despertar-nos para a grande tarefa que hoje começa.

Poderia dizer-se que é neste momento que o Congresso parece acabar que ele na realidade está principiando. Porque é neste momento que tomámos consciência total das nossas responsabilidades, que vimos claramente definido o perfil ideal da Universidade, que públicamente nos demos conta de quanto há a fazer e nos cabe a nós realizar. Muito pouco teria conseguido o Congresso se daqui nos fôssemos complacentemente satisfeitos connosco porque todos os trabalhos decorreram bem e cada um de nós pôde dar livre vazão às mágoas que a vida universitária lhe trouxe.

O que podemos levar daqui, se somos conscientes da gravidade dos problemas e da urgência da sua resolução, é uma imensa insatis-



fação, uma inquietação no corrente aferir da realidade com o panorama ideal que aqui se delineou.

Para muitos de nós foi o Congresso a mais tremenda revelação das insuficiências e das lacunas da nossa vida de universitários; para outros foi uma total viragem de esquema e orientação de vida; para todos terá sido, sem dúvida, revigoramento da vocação universitária, alargamento de horizontes, descoberta de rumos novos. Por isso urge que compreendamos até às últimas exigências tudo o que se disse no Congresso. Não podemos ficar à espera de soluções ideais que nunca chegarão. Nem tão pouco aceitar ingenuamente a esperança de que as dificuldades se resolvam por si mesmas. Ao afirmarmos que a Universidade está em crise quisemos dizer que a Universidade se alheou por completo do verdadeiro esquema dos fins que a definem para se reduzir a uma escola de técnicos, de valor humano muito discutível, preterindo ou renegando as funções essenciais que lhe cabem de fazer ciência, criar e difundir cultura e promover o pleno desenvolvimento da personalidade intelectual dos universitários; quisemos dizer que não há autêntica vida ^{comunitária} comunicativa; de espírito corporativo, a única que pode assegurar a consecução dos fins que a Universidade se propõe realizar; quisemos dizer que a Universidade não prepara os universitários para a vida social, em verdadeiro espírito de serviço, fazendo-os descobrir as responsabilidades que lhes cabem, como chefes, na manutenção do bem comum e da construção da paz entre os povos e que a própria Universidade, como instituição e instituição dedicada à aquisição e revelação da Verdade não mantém no seio da sociedade o lugar que ^{lhe} compete de orientação ideológica; quisemos dizer que uma Universidade de que Deus está ausente não é plenamente Universidade porque lhe falta o padrão aferidor de todas as aquisições humanas, o fecho da abóbada dos conhecimentos científicos ou filosóficos.

Mas não quisemos dizer apenas isto. ^{comunitário}

Se a Universidade é o conjunto mais ^{comunitário} comunicativo de professores e estudantes reunidos numa empresa comum apontar erros à instituição universitária é reconhecer implicitamente que cada um de nós tem errado na sua vocação universitária.

E procurar uma solução para a crise da Universidade é procurar antes demais solução para a crise de valor de cada um de nós.

Fácil é ao criticar a instituição universitária, esquecer ca-



da um de nós que é parte integrante da instituição, factor decisivo nos rumos que tomar. E por isso se ouve com tanta frequência pela Universidade a crítica acerba, negativa, que, informada do descontentamento que o ensino superior causa, não se atém aos elementos essenciais, às causas primeiras, da chamada "crise da Universidade". Perdido o prestígio da Universidade na educação das elites, na orientação ideológica da vida social, na construção da ciência, na resolução dos grandes problemas nacionais, o que se lhe pede como instituição não anda muito longe das atribuições de uma associação cultural ou de divulgação de uma organização desportiva ou de empresa de previdência social.

Enquanto o estudante não pedir à Universidade aquilo que fundamentalmente e essencialmente ela tem o dever de lhe dar pouco teremos adiantado na realização da missão da Universidade.

Mas não pode o estudante limitar-se a pedir e a receber o que a Universidade lhe quiser dar; ele tem de dar também. Se o estudante é realmente um elemento essencial na vida corporativa da Universidade ele tem aí certamente um papel importantíssimo a desempenhar.

Necessita de exemplos, como aqui foi brilhantemente preconizado; exemplos de vidas inteiramente dedicadas ao serviço da Verdade e à formação integral de homens.

Mas se o estudante, necessita de exemplos, cabe-lhe, em parte, a ele estimular a multiplicação desses exemplos.

No ensino universitário o estudante estabelece um diálogo com o professor; enquanto este tem de ir ao encontro da mentalidade do aluno ensinando-lhe o que leu e o que investigou e o que aprendeu na sua experiência humana, num esforço sempre renovado de actualização e interesse, aquele deve manter em face do professor e do estudo uma atitude essencialmente activa. Quer dizer que ele será caracterizado pela iniciativa no estudo, pelo livre exercício da sua capacidade de reflexão e crítica, pela dedicação e amor desinteressado à Verdade. Com o seu trabalho pessoal, as dúvidas que põe, ^{Como} desenvolvimento progressivo da sua capacidade de raciocínio científico e filosófico, o estudante pode e deve ser o estímulo do professor. Este, enquadrado muitas vezes no ritmo demagógico absorvente duma vida profissional extra-universitária, ou tristemente agarrado a uma ciência já ultrapassada, será assim despeitado da excessiva actividade ou apatia para uma integração mais profunda e viva

na sua missão de Mestre. E enquanto o estudante se enriquece no convívio com o Mestre, haurindo junto dum espírito superior não só ciência mas formação humana total, cultura, sabedoria, o professor encontrará no aluno o colaborador sempre atento e de sentido crítico apurado que o ajude na busca persistente e metódica de soluções novas. Assim a Universidade será integralmente um templo da Verdade.

Mas o estudante não deve apenas actuar como estímulo de exemplos. Deve ser, ele próprio, um exemplo. Exemplo no nível do seu estudo, na seriedade da sua preparação profissional, na largueza e equilíbrio do seu enriquecimento cultural, na profundidade da formação teocêntrica da sua personalidade. Exemplo no esquema da sua vida, pura, generosa, simples, leal, a vida de um verdadeiro intelectual, consciente da responsabilidade que lhe cabe em face de Deus e dos homens. O universitário tem que rejeitar toda a transigência fácil no estudo, tem que cortar de vez com todos os processos pouco legítimos de vencer dificuldades, tem que se ultrapassar a si mesmo no esforço gigantesco de busca de síntese superior do pensamento. Só na medida em que o universitário português passar a viver uma vida nova terá merecido uma Universidade Nova.

Com efeito, se a Universidade tem a seu cargo como um dos actos inalienáveis da sua missão a formação do mais alto escol nacional e se nessa formação se visa simultâneamente o homem e a sociedade, a repercursão do nosso Congresso não se pode limitar apenas a um desses sectores. Restringi-la ao indivíduo, deixando-a germinar e frutificar ao sabor das aptidões pessoais sem o correspondente apoio institucional seria continuar com o actual estado de coisas, agravado talvez por uma colisão maior entre os que sabem o que querem e os que nada sabem ou nada querem. Acreditar que seria totalmente eficaz uma reforma de carácter institucional que actuasse de fora para dentro pela imposição rígida da lei parece claramente utópico. Importa que os dois caminhos corram paralelamente de molde a não se limitar a livre iniciativa pessoal pelo zelo excessivo nem a criar clima de correntes reivindicações na solução de problemas de tão notável magnitude na economia dos valores nacionais e supra-nacionais.

Como universitários católicos pedimos a Universidade Nova mas reconhecemos e aceitamos as responsabilidades de ajudar a construir



essa Universidade Nova.

O nosso Congresso está no fim .

Quisemos "estar presentes, servir a Igreja".

Quisemos estar presentes no pensamento pela afirmação dos princípios ^{eternos} externos, pelo estudo dos problemas básicos da Universidade, pela análise rigorosa da actual situação da Universidade Portuguesa.

Quisemos servir a Igreja pela total submissão à doutrina de Cristo e do seu vigário na terra, pela inteira subordinação de todos os nossos trabalhos ao único desejo da glória de Deus e do alargamento do Seu Reino na terra.

Estamos convencidos de que com a ajuda de Deus cumprimos um e outro os imperativos a que nos obrigámos:

Estar presentes - Servir a Igreja.

E para terminar proponho à aprovação de todos os congressistas o voto de que dentro de 5 anos a J.U.C. e a J.U.C.F. realizem o seu II Congresso Nacional.

Fundação Cuidar o Futuro

